

“Deixe-nos trabalhar”

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A perspectiva de que 25 mil funcionários que estão em férias coletivas em São Paulo possam ser demitidos, em decorrência do processo recessivo, foi a preocupação manifestada, ontem, pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), durante o 15º Congresso Brasileiro de Siderurgia. Para ele, “o empregado é a coisa mais importante da empresa”. Além disso, Amato classificou o gatilho de “perverso”, por ter beneficiado aqueles de maior renda salarial. Por isso, defendeu mais uma vez a concessão de abono para os que ganham até três salários mínimos, desde que ele seja desindexado dos demais salários, destacando que “o salário mínimo está muito baixo, isso não é justo”. Ao falar da atual crise, o presidente da Fiesp ressaltou: “o País é viável. Basta que nos deixem trabalhar”.

Mário Amato disse que o novo



Amato: ‘País é viável’

plano econômico reativou algumas medidas, como o tabelamento e o congelamento “e apesar de sermos contrários, por princípio filosófico, a

esse tipo de controle, a economia como um todo exigia uma ordenação, mesmo que viesse com alguns pontos contestáveis”. No seu entender, não se pode fechar os olhos a algumas questões latentes que podem determinar o insucesso do plano “e uma delas, sem dúvida, é o déficit público”. Para ele, este é um fator preponderante “da altíssima inflação que põe em risco não só a ordem econômica, como a própria sobrevivência do regime democrático e da livre iniciativa”.

Como complemento do plano de ministro Bresser Pereira, o presidente da Fiesp afirma que é necessária a reativação das construções de baixa renda. Além disso, destaca a necessidade de reativar os consórcios e dilatar o prazo para o financiamento de veículos, acreditando que “a indústria automobilística foi muito sacrificada”. Mas, na sua opinião, para que a inflação se estabilize num nível suportável é fundamental “a redução drástica e o controle rigoroso dos gastos públicos”.